

ENTREVISTA

Uma conversa com o historiador Odilon Caldeira Neto sobre integralismo, bolsonarismo e fascismos: pontos de diálogo da extrema direita brasileira

Sergio Schargel

Pesquisador de Pós-Doutorado PAPD Letra, Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Em 2020, o Integralismo, movimento de extrema direita de matriz fascista, retornou às manchetes após um atentado contra uma produtora. Nunca tendo desaparecido, mas se fragmentado com a morte de Plínio Salgado, o integralismo possui pontos de interseção e diálogo com outros movimentos de extrema direita, como o bolsonarismo e o próprio nazifascismo.

Historiador da extrema direita brasileira Odilon Caldeira Neto trabalha há mais de uma década principalmente sobre o neofascismo e a extrema direita, inclusive o Neointegralismo. Para ele, a morte de Salgado fragmentou o movimento de modo a dividi-lo em distintas correntes, em permanente tensão. Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e coordenador do Observatório da Extrema Direita, Caldeira Neto (2020) publicou, no mesmo ano do atentado, *O fascismo em camisas verdes*, junto do também professor da UFJF Leandro Pereira Gonçalves. Nele, traz uma genealogia do movimento, de suas origens ao contemporâneo, por meio de uma linguagem acessível ao grande público.

Caldeira me recebeu para uma conversa no dia 20 de maio de 2022, por meio da plataforma *Google Meet*, em que discutiu as permanências e mutações da extrema direita no ambiente político brasileiro.

*E-mail: sergioschargel@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5392-693X>

Você poderia falar um pouco sobre a sua trajetória, a sua carreira? Há quanto tempo você pesquisa o Integralismo e o Fascismo? Sobre o que é a sua pesquisa atual? Há planos de um novo livro?

Eu pesquiso a temática da extrema direita desde a minha formação inicial. Eu fiz graduação em História na Universidade Estadual de Londrina, no norte do Paraná, depois ingressei no mestrado na Universidade Estadual de Maringá, também do norte do Paraná, pesquisando temáticas relacionadas ao universo da extrema direita brasileira mais atual, mais recente, ao menos naquele momento. Na graduação, trabalhava com a temática do negacionismo do Holocausto como uma interface, uma faceta da extrema direita brasileira (mas não exclusivamente a brasileira); e no mestrado eu trabalhei com a temática do Integralismo, do Neointegralismo e do antissemitismo. Inclusive a partir da questão do negacionismo do Holocausto. Desde o momento inicial da minha formação, e também ao longo do doutorado, que eu fiz na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com período de pesquisas no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, o meu foco de pesquisa é a extrema direita mais recente. Evidentemente que a questão do Fascismo clássico ou do Fascismo histórico são temas da minha agenda de pesquisa. São elementos de agenda de pesquisa, mas o meu objeto primordial sempre foi a extrema direita mais recente.

Particularmente no contexto brasileiro, após a transição democrática, existiu não somente o fenômeno da “direita envergonhada”, no sentido de que atores políticos não manifestassem predileção ou vocação política de direita, embora evidentemente muitos deles fossem oriundos desse espectro político, mas além de uma dimensão política *stricto sensu* institucional de atores políticos, era perceptível, no meu entendimento, uma sensação partilhada de uma maneira muito ampla na sociedade brasileira de que, após a transição democrática, a questão antidemocrática não era um aspecto de grande importância. Seja em termos analíticos, ou em termos políticos propriamente ditos. Isso me angustiava em certa medida, e me colocava uma agenda de pesquisa. Afinal de contas, a extrema direita brasileira que tem uma longa história — se colocadas em perspectiva de história política, em que os processos históricos são muito mais rápidos do que em comparação com outros fenômenos e outras facetas sociais —, não seria complicado pensar que essas facetas estão ausentes nessa construção de cotidiano político democrático?

Além disso, ampliando essa questão para pensar não somente a condição da democracia brasileira com a existência de grupos de extrema direita, mas também como existia um processo de uma circulação transnacional de ideias que foram gestadas, incorporadas e apropriadas ao longo de todo o século XX, e como extrema direita brasileira se coloca face a esse fenômeno que é local, mas também é global. Eu trabalhei com várias temáticas adjacentes a esse grande tema de pesquisa: a extrema direita brasileira e internacional mais recente. Mais recentemente eu tenho me interessado muito por duas questões principais: uma dinâmica intelectual das extremas direitas e sua circulação transnacional desde a era do pós-fascismo até a atualidade, e também a relação das extremas direitas ao longo de processos de transições democráticas. Não apenas no caso brasileiro, mas também em outras perspectivas, inclusive dentro de um olhar comparativo.

Além do lançamento desse livro mais recente no Brasil, em 2020, que eu escrevi junto com meu colega Leandro Pereira Gonçalves, publicamos agora em 2022 a versão traduzida para o inglês, pela Routledge: *Fascism in Brazil, from Integralism to Bolsonaroism*. Fora isso, tenho trabalhado em projetos paralelos. Estou escrevendo dois livros atualmente e estou em fase de revisão de um livro oriundo da minha pesquisa de doutorado, que foi sobre o Prona de Enéas Carneiro e a relação com uma extrema direita fragmentada ao longo da transição democrática.

Como foi o processo de escrita do *O Fascismo em camisas verdes* (2020)? É um livro com muitos detalhes, dá para ver que houve um extenso procedimento de coleta e análise de materiais. Como foi esse procedimento? Vocês trazem diversas efemérides, símbolos, ritos, sobre o Integralismo, fazem uma análise que, de certa forma, “humaniza” o movimento. Isso porque com o nível de detalhamento que vocês trazem, o leitor pode apreender o Integralismo num paralelo religioso, vendo como o movimento assumia uma função social de irmandade entre seus membros.

Se eu pudesse sintetizar, o propósito do livro é de uma inteligibilidade da história da extrema direita brasileira e do Fascismo e do Neofascismo no Brasil dos anos 1930 até a atualidade. É evidente que obras (historiográficas ou não) sobre os fascismos existem há décadas. É uma tradição bem consolidada na historiografia e nas ciências humanas e sociais em geral. De todo modo, me parece que não havia uma obra mais pensada por um âmbito de divulgação, aquilo que pode talvez entender como história pública e também o sentido de olhar o presente e a partir das experiências do passado. Sobretudo nessa dinâmica de um livro mais acessível, pensado para o grande público, e que tornasse essa história recente (ou não tão recente) da extrema direita brasileira a partir dos fenômenos de atualização e incorporação dessas efemérides e simbologias na atualidade.

Do ponto de vista prático da escrita do livro, eu diria que não foi um livro muito problemático na escrita, porque Leandro e eu somos pesquisadores do tema há muitos anos. Participamos de grupos de pesquisa, já escrevemos juntos anteriormente, temos muitas fontes, outros livros escritos sobre o tema, muitas dezenas de artigos sobre a temática. O que nos foi colocado foi, na verdade, um propósito: temos uma agenda de pesquisa, eu estudo sobretudo o que eu defino como Neointegralismo no âmbito dos estudos do Integralismo, que seja o Integralismo após a morte de Plínio Salgado, e o Leandro é uma pessoa que se dedica muito ao Integralismo clássico, embora os dois dialoguem com essas duas tendências.

Fato é que nós já havíamos trabalhado juntos anteriormente, somos colegas de departamento, colegas de universidade. Um evento que ultrapassa qualquer questão exclusivamente acadêmica, como os atentados tanto às Universidades no roubo das faixas antifascistas por grupos integralistas, mas sobretudo o atentado à sede da produtora do Porta dos Fundos, colocou o tema do Integralismo no centro, ou pelo menos próximo ao centro do debate público brasileiro. O Integralismo se tornou parte do cotidiano do noticiário político ou policial brasileiro. Isso demandou para nós, que somos pesquisadores adeptos a conversar com o grande público, parte do nosso tempo. Vimos que ali havia um nicho de mercado editorial, uma contribuição ao debate público que poderíamos trazer. Então nós pegamos nossas fontes, nossos livros, nossos artigos, um debate que já desenvolvemos há muitos anos, há mais de décadas, e buscamos trazer essa história e essa atualidade do fascismo no Brasil para uma linguagem mais acessível, para um público mais acessível.

Eu diria que o desafio não foi um desafio tanto de pesquisa. Claro que nós voltamos aos acervos, às nossas fontes indexadas e catalogadas durante anos, mas o maior desafio foi juntar as nossas pesquisas e escrever um livro a quatro mãos, algo que não é um procedimento fácil. Além desse desafio de tratar a partir de um rigor historiográfico e científico um tema que tem uma demanda pública para o seu entendimento mesmo para a crítica da realidade. Nesse sentido, nosso desafio foi mais de pensar essa escrita em dupla, e também pensar o público leitor que não era notadamente nosso público alvo ao longo de nossas pesquisas, até porque são objetos distintos do ponto de vista de produção e também de circulação de escrita.

O quanto o bolsonarismo herdou do Integralismo? Podemos considerá-lo um herdeiro? Há mais proximidade com o Integralismo ou Fascismo italiano no bolsonarismo? Aliás, quais diferenças podemos pensar entre Integralismo e bolsonarismo, ou Fascismo e Integralismo?

Do ponto de vista do bolsonarismo, acho que é necessário um cuidado para não cair em simplificações que muitas vezes são gestados pelo calor do momento e pelas paixões políticas. Essas muitas vezes são colocadas como desafios à escrita da história, na história do tempo presente ou da história contemporânea. A busca pela classificação do bolsonarismo como um fenômeno exclusivamente fascista diz muito mais respeito a ambições políticas, talvez proprietárias, agitações frutos do calor do momento, do que propriamente dito, na minha leitura, de um objeto de cunho historiográfico, analítico, assim por diante.

Eu digo isso porque, no meu entendimento, bolsonarismo não é igual a fascismo. Eu entendo que: A) o bolsonarismo é uma mixórdia, são várias tendências coexistindo e se digladiando dentro do fenômeno social na construção daquilo que pode eventualmente ser considerado como movimento político; B) o fascismo é um dos componentes dessa mixórdia.

O fascismo existe dentro do bolsonarismo a partir de uma matriz integralista, a partir de duas perspectivas não mutuamente complementares que, em muito sentido, acabam sendo mutuamente excludentes. De um lado é a existência de grupos, entidades, organizações tipicamente neofascistas. Aquelas que tem uma relação intrínseca e direta com o legado, com o estatuto, com a simbologia, com o enunciado do fascismo clássico. Nesse caso, tomemos como exemplo os grupos propriamente integralistas. São grupos que definem e reivindicam o legado do Integralismo histórico. Esses grupos têm uma relação com bolsonarismo? Têm. Tem algumas lideranças desses grupos que apoiam o bolsonarismo e que eventualmente se aproximam do governo Bolsonaro. Mas a história do fascismo não é apenas institucional. Ela não é uma história apenas política do ponto de vista formal. O fascismo tem uma força política, mas também tem uma força cultural. O fascismo é uma ideologia, no meu entendimento (e no de tantos outros autores). Então esses componentes de uma cultura política fascista, usando componentes culturais do fascismo, são incorporados no Brasil, projetados, impulsionados ao longo da experiência do Integralismo. Só que eles não pertencem única e exclusivamente ao Integralismo. Eles são questões que ultrapassam qualquer forma de tutela institucional de movimentos, organizações ou partidos políticos integralistas. Então qual seria esse outro ponto de uma possível presença do Integralismo ou mesmo do fascismo no bolsonarismo? Não é a forma como essas entidades do bolsonarismo, ou dessas facetas do bolsonarismo como mixórdia, enxergam a política, estabelecem seus laços políticos, a maneira como eles enxergam a própria figura de Jair Bolsonaro. É evidente que Bolsonaro é para grandes parcelas do seu eleitorado, e mesmo da sua base mais radicalizada, uma liderança de tipo não fascista. Que veem no Bolsonaro talvez o interesse de grupos políticos organizados, o interesse de setores produtivos ou produtores da sociedade brasileira, da economia brasileira, mesmo de alguns nichos de *lobbies* como, por exemplo, de grupos pró-armamentistas, assim por diante. No entanto, há tendências no bolsonarismo que enxergam, ou pelo menos atribuem à Bolsonaro uma figura de liderança que promoveria ou promoverá um sentimento e uma prática política de regeneração da nacionalidade brasileira. A regeneração no sentido de que ela passa, via de regra, pelo sentido de extirpação da perspectiva degenerativa. Como por parte de alguns grupos intervencionistas militares que enxergam uma idealização do próprio regime militar que ultrapassa qualquer realidade histórica. Enfim, esses grupos normalmente têm uma tendência de idealização de Bolsonaro e do bolsonarismo a partir de questões como anticomunismo, a figura mitificada de Bolsonaro, ou mesmo os propósitos políticos do governo ou, eventualmente, regime liderado por Bolsonaro, que tem uma faceta fascista. É nesse momento que eu vejo que existe uma tônica, uma ótica, e também um uso político do próprio governo Bolsonaro em mobilizar essas tendências de fascistização interna. Não é de se espantar, então, que a forma como o anticomunismo, o conspiracionismo paranoico, incorpora muitos legados da história do anticomunismo brasileiro, bem como das contribuições do Integralismo brasileiro a esse anticomunismo.

Além disso, muitos desses grupos bolsonaristas vão se apropriar inclusive de palavras-chaves e temas centrais do Integralismo brasileiro. Seja o *slogan* “Deus, pátria e família”, ou mesmo alguns valores associados a essa ideia, a essa cosmovisão mais fascista ou fascistizada. Olhando historicamente, eu penso que precisamos analisar a história do fascismo não a partir ou exclusivamente das suas instituições, das suas organizações, das suas agremiações, dos seus grupos, mas também do livre trânsito das ideias fascistas. O Integralismo organiza regimentalmente o fascismo, mas para além disso, e talvez seja a principal contribuição do Integralismo à história política brasileira, estabelece legados para a tradição histórica do pensamento da extrema direita brasileira.

Me parece que é importante analisar a presença do Integralismo, ou das contribuições do Integralismo brasileiro, para além da história do Neointegralismo como organizações e suas relações com o bolsonarismo. Há, de um lado, uma relação entre grupos neofascistas, grupos neointegralistas, que dialogam com bolsonarismo. Mas eles mantêm um estatuto autônomo, são integralistas, não bolsonaristas. Agora, as ideias políticas são incorporadas pelo bolsonarismo nesse movimento intenso e cotidiano de radicalização das suas próprias bases. Eu posso dizer, talvez, que há um outro elemento da presença de práticas ou ideários fascistas, ou mesmo integralistas, no bolsonarismo, e isso é, em certa medida, uma apropriação do bolsonarismo dos legados da extrema direita brasileira.

Da mesma maneira como bolsonarismo incorpora ideais, ou mesmo liturgias de outras facetas do autoritarismo da extrema direita brasileira, seja da Ditadura Militar, seja a ideia mesmo de sociedade autoritária, do mito da democracia racial, o conspiracionismo e a verve mais antidemocrática do bolsonarismo em certa medida incorpora também esses legados do Integralismo. Então o Integralismo acaba existindo em relação ao bolsonarismo não apenas nessa dinâmica mais institucional do Neointegralismo, mas também das ideias políticas que são projetadas ou ambicionadas pelos setores mais antidemocráticos e radicalizados do bolsonarismo. Dessa maneira, eu digo que o bolsonarismo não é igual a fascismo, mas tem algumas das suas credenciais, em alguns dos elementos formadores da sua consciência política, ou de uma irracionalidade política, ou mesmo de um *pedigree* político do próprio bolsonarismo, algumas origens comuns ao Integralismo, ou mesmo ao fascismo de uma maneira mais ampla. Me parece que aqui a leitura não é apenas de assimilação do bolsonarismo ao fascismo, mas sim da análise do fascismo e da análise do bolsonarismo, e buscar interpretar e compreender o que há de similaridades, o que há de semelhanças, o que há de convergências, mas considerando também que há divergências. Por exemplo, a ideia de indivíduo no fascismo, a ideia de indivíduo no Integralismo, é quase que diametralmente oposta à ideia de indivíduo liberal. Melhor dizendo, indivíduo neoliberal, ou ultraliberal, ou ultraindivíduo, que é proposto pelo bolsonarismo. A ideia do *self-mademan*, por exemplo, acaba sendo muito divergente daquilo que a ideia da retirada do estatuto de individualidade proposta pelos fascismos e, por consequência, pelo Integralismo. Em certa medida, a contribuição do Integralismo e do fascismo ao bolsonarismo parece que passa muito mais pela dinâmica de um imaginário político, das mitologias políticas, mas o modelo de Estado, de sociedade, são fenômenos novos. Até porque o bolsonarismo tem que ser, por definição, a extrema direita radical após 1945 tem que dar respostas e propostas para outras facetas das políticas globais. O fascismo enquanto regime, movimento, ideia de Estado, é uma resposta e uma proposta às condições políticas e cotidianas do entreguerras, ou da primeira metade do século XX. A segunda metade do século XX e a primeira metade do século XXI, tem outras dinâmicas, outros elementos.

Dizer que bolsonarismo é igual a fascismo muitas vezes não dá conta da complexidade do fenômeno, das novidades políticas que compõem esse fenômeno. Como historiador eu preciso olhar também o que há de antigo e de histórico nessa questão nova. Me parece que é um pouco dessa ambivalência até em critérios que possam ser vistos como paradoxais, que compõem essa dualidade complementaridade entre bolsonarismo e fascismo, e é um pouco da complexidade mesmo do fenômeno não somente do bolsonarismo, como das novas direitas globais.

É interessante como o Integralismo lançava mão do nacionalismo em todas as esferas possíveis, colocando-se contra figuras como o Papai Noel. Qual era o objetivo do movimento em trabalhar com figuras como, por exemplo, o Velho Índio? Qual era a importância do nacionalismo para o Integralismo e, posteriormente, para o Neointegralismo?

O Integralismo brasileiro passa pela mesma necessidade, como outros movimentos e organizações de tipo fascista ou de inspiração ou aspiração fascista ao longo do século XX, de buscar um estatuto político, uma ideologia política que se transforma, se forma ao longo do século do século XX, da passagem do século XIX para o século XX no centro europeu, mas que é um objeto de livre circulação e associação de uma maneira global. O fascismo, por definição, tem um discurso assimilável em diversas realidades nacionais, mas desde que salvaguardadas as necessidades e postulados de um estatuto multinacionalista. Sobretudo o fascismo histórico (o neofascismo menos) é um fenômeno do campo do nacionalismo de direita radical.

É um elemento problemático para os movimentos e organizações fascistas ao longo do século XX buscar a aproximação dessa onda global de uma novidade política, ao mesmo tempo em que se busca uma necessidade ou mesmo um argumento da nacionalidade desse propósito. Ou seja, é necessário se articular numa onda internacional, numa onda global, ao mesmo tempo em que é necessário imaginar uma nacionalidade e promover essa ideia de nacionalidade associada a esse fenômeno. Os movimentos fascistas em qualquer realidade local, em qualquer realidade regional, nacional, são movimentos e organizações, eventualmente regimes, profundamente nacionalistas. Isso é muito nítido no caso do Integralismo brasileiro, que promove uma circularidade de ideias de movimentos exteriores, mas ele promove paralelamente, de uma maneira consecutiva e complementar, uma ideia de defesa de um propósito para a nacionalidade brasileira.

O Integralismo poderia dialogar com regimes políticos fascistas, como o caso italiano ou alemão, a partir de algumas chaves associativas, como a ideia de Estado, de corporativismo as propostas de neutralização de movimentos revolucionários à esquerda. Alguns elementos propositivos do ideário político promoviam uma forma de associação na internacionalização do fascismo. Como, por exemplo, o antissemitismo. Os integralistas poderiam dialogar com grupos argentinos, canadenses, ou mesmo alemães, por conta da chave do antissemitismo. Mas a questão do nacionalismo era imperativo para os movimentos e era imperativo para pensar a proposta efetivamente e assumidamente nacional e nacionalista. Nesse sentido, o mito da democracia racial, a busca por simbologias autóctones, a camisa verde, o uso de uma simbologia própria, a busca por ritualísticas próprias, ou mesmo, mais importante, a busca pela associação de uma dimensão idílica e idealizada dos indígenas e dos negros, é um elemento bastante particular do Integralismo brasileiro. Isso porque a dimensão multiétnica da nação, do Estado nacional e da ideia de nacionalidade, da identidade nacional brasileira, e, por consequência, da identidade nacional integralista, coloca esses imperativos. Ou seja, o Integralismo precisava lidar com essas condições. Inclusive porque se há um movimento político que vai pensar as massas, a identidade nacional e a mobilização dessas massas, como é uma característica comum aos fascismos, é necessário adequar essas dinâmicas às suas realidades étnicas, culturais e nacionais.

O Integralismo incorporou, projetou e mobilizou elementos da identidade nacional brasileira para um processo de integralização, ou seja, de transformação integralista nesses processos. O Vovô Índio assume — e ele não é uma criação integralista — mas ele aparece de uma maneira mais ou menos tangencial no Integralismo num momento chave na crítica ao cosmopolitismo, ao consumismo, ao liberalismo, ao comunismo. Essa coisa de olhar o mundo de fora, dentro dessa ótica do fascismo, ou seja, essa nova onda internacional da política global dos movimentos e regimes fascistas, mas pensar um aspecto mais introspectivo na formação de uma identidade nacional.

E da derivação de uma nova identidade nacional para uma fascistização, qual seja o elemento estético, imagético, ou mesmo ético dessa nova nacionalidade. Então essa tensão entre local e global é uma parte constituinte do universo fascista como um todo, mas na realidade brasileira ela é ainda mais sentida por conta dessa dimensão multiétnica. Que também é um elemento muito particular, muito interessante como que o Integralismo fazia esse uso do antissemitismo no mesmo momento que fazia o uso da figura de militantes negros. Ele andava como que em uma corda bamba dessas relações locais e globais do fascismo, ou mesmo das expressões mais radicais do campo do fascismo em torno do antissemitismo, do Nazismo, e assim por diante.

É possível chamar os movimentos integralistas contemporâneos de antissemitas? Eles tentam disfarçar esse antissemitismo? Se sim, como o fazem?

O Neointegralismo são grupos que reivindicam o estatuto de integralistas. Por definição, esses grupos neointegralistas são plurais, claro, mas a forma absoluta de associação deles ao Integralismo, é o Integralismo da Ação Integralista Brasileira, que foi o primeiro movimento político de massa da história política brasileira e foi também um movimento de tipo fascista e com a tendência muito forte, mas não central de antissemitismo. A questão antissemita é muito nítida nos escritos sobretudo de Gustavo Barroso e outros autores secundários. Ela é presente também, em alguma medida, nos escritos de Plínio Salgado e também de Miguel Reale, mas são realmente muito tangenciais. Mas nos escritos de Gustavo Barroso a ideia é central. O princípio do discurso barrosiano para o Integralismo é centrado na condição judaica, na questão judaica e no problema judaico, na percepção de Gustavo Barroso. Para os integralistas, e sobretudo para os neointegralistas, estabelecer um processo de retomada desse legado do Integralismo histórico é muito complexo porque a questão fascista já é uma questão problemática, então eles têm que negar a associação a este campo. Até com uma estratégia de busca por certa singularidade e originalidade de um estatuto político.

Ao longo século XX a questão fascista não era muito problemática para o Integralismo. Ela passa a ser problemática a partir de 1945. A questão antissemita é ainda mais problemática. Porque é um processo de associação não somente ao fascismo, mas sobretudo às correntes mais radicais e próximas ao Nazismo e, evidentemente, à *Shoah*. Essa questão torna-se muito mais problemática do que a própria questão fascista para os para os neointegralistas. No livro que eu publiquei em 2014, *Sob o signo do sigma*, eu analiso como a questão antissemita é vista. Os escritos de Barroso são vistos de maneiras diversificadas por diversos grupos integralistas e, mais propriamente, grupos neointegralistas.

Há alguns grupos neointegralistas que buscam uma associação direta com o legado de Gustavo Barroso. Normalmente são grupos que são não somente neointegralistas, mas também que circulam nas esferas, setores, do negacionismo do Holocausto no Brasil. Para esses grupos a associação com o Gustavo Barroso não é problemática, na verdade é vantajosa, porque eles querem ocupar o campo do neofascismo, do negacionismo do Holocausto, até ser afeiçoando a tendências do Neonazismo. Agora, para outras tendências que têm uma ambição política mais estruturada, como é o caso da Frente Integralista Brasileira — uma das principais organizações neointegralistas ainda na atualidade —, a questão antissemita é muito mais problemática e muito mais complexa.

Esses grupos permanecem associados à dimensão do antissemitismo de Gustavo Barroso, mas eles buscam escamotear a exterioridade dessas questões. Por exemplo, nesse meu livro de 2014 eu analiso algumas documentações desses grupos integralistas contemporâneos, como eles acabam modificando os escritos de Gustavo Barroso da década de 1930, retirando a exterioridade antissemita. Por exemplo, algumas das documentações desses grupos nos seus *websites* ao longo dos anos 2000 traziam trechos supostamente oriundos dos livros de Gustavo Barroso da década de 1930, mas retiravam os termos judeu, judaísmo e judaico.

Então a crítica àquilo que Barroso entendia como capitalismo-judaico, ou comunismo-judaico, apresenta-se na forma revista por alguns grupos neointegralistas como uma crítica apenas ao capitalismo e ao comunismo. A forma com que Barroso (2023) enxergava o mundo, mesmo para além de qualquer enunciação da questão judaica, judaísmo, sionismo, e assim por diante, é fundamentalmente antissemita. Então, mesmo que esses grupos retirem a exterioridade a partir de termos como “judeus”, “judaísmo”, “sionismo”, e assim por diante, uma visão conspiracionista em muito associado a elementos canônicos para o antissemitismo político, como os *Protocolos dos sábios de Sião* (2023), se tornam fundamentais ao Integralismo barrosiano. Quando esses grupos se associam ao legado do Integralismo barrosiano, mesmo que façam um processo de apagamento da exterioridade antissemita, o elemento discursivo, seja do ponto de vista do conspiracionismo que estabelece, por exemplo, associação do capitalismo ao judaísmo, do comunismo ao judaísmo, esses elementos continuam presentes. Então eles não precisam dizer que eles estão atacando a questão judaica, a condição judaica, o judaísmo na verdade, eles têm, do ponto de vista da composição do seu ideário político, uma base fundamental antissemita. Eles podem apagar a exterioridade do antissemitismo, mas uma dimensão mais estruturante desse discurso, desse imaginário político, torna-se bastante evidente.

Isso é uma questão que ultrapassa o próprio campo do Neointegralismo. Como muitas vezes, por exemplo alguns documentos bastante presentes nos ciclos da extrema direita global como o *Decálogo de Lênin*, a ideia mesmo do marxismo cultural, que associa o marxismo cultural, ou globalismo, à figura judaicas como a de George Soros, ou mesmo figuras do capitalismo internacional, tem uma seletividade para a denúncia contra os judeus que, na verdade, um elemento de comemoração do legado do antissemitismo político. Há um cuidado para não estabelecer essa exterioridade, até por questões legais e jurídicas, mas a presença de uma estrutura narrativa que tem como origem panfletos, apócrifos ou não, propostas políticas assinadas por indivíduos notadamente antissemitas, como o caso de Gustavo Barroso, são fundamentais nessa replicação por grupos neointegralistas.

Qual cálculo fez Plínio Salgado após o seu retorno, para justificar o seu afastamento do nazifascismo? Houve modificações em seu discurso? Se sim, quais? Que nova persona ele assumiu a partir do momento em que se lançou como candidato? Houve mudanças nesse discurso posteriormente, quando migrou para o ARENA?

É um fenômeno que não é contínuo, é, talvez, eu diria que cambiante. Porque a partir de 1945 e, sobretudo, a partir de 1946, quando Plínio Salgado retorna e passa ocupar a liderança do Partido de Representação Popular (PRP), como um agente político ele precisa se adequar ao contexto político, às possibilidades políticas da época. Um contexto que talvez possamos chamar de pós-fascista, no sentido de refratário às investidas tipicamente fascistas, Plínio Salgado vai estabelecer um processo inicial de afastamento da condição fascista e do próprio PRP, se aproximando em três perspectivas principais. A primeira é o diálogo com a ideia de democracia cristã, sobretudo no modelo em voga em Portugal, no Salazarismo, que é evidentemente autoritária, mas não é necessariamente fascista. A partir disso essas duas grandes frentes são utilizadas para desfastização: o espiritualismo e o anticomunismo. No contexto da Guerra Fria essas duas questões acabam sendo associadas como dinâmicas que convergem o campo político mais amplo, um campo político anticomunista, e, dadas necessidades, existe um procedimento efetivo de negação da condição fascista de outrora. Mas como eu disse foram questões que são flutuantes. O primeiro momento do PRP é um partido que busca um estatuto político não fascista, por conta de necessidade, por conta também de reflexões políticas. Os fascistas no Brasil não são apenas reprodutores de ideias, são também produtores. A extrema direita brasileira reflete, escreve, pensa, não é apenas um processo exclusivamente de uma perspectiva parasitária, são parte da sociedade, parte do cotidiano político.

O primeiro momento do PRP é um processo de desfascitização. A segunda metade da existência do PRP a partir da década de 1950 já é um processo de comemoração do legado integralista. Eu diria que é um processo de fascitização ou refascitização. O PRP volta a utilizar o símbolo integralista em algumas festividades aparecem novamente as camisas verdes. Isso diz respeito também às fases da própria Guerra Fria e do cotidiano político brasileiro, nas quais a investida antidemocrática se torna mais nítida, o discurso da extrema direita se torna mais natural. partir dessa medida do anticomunismo, onde as ideias fascistas podem voltar a ocupar algum lugar.

Não é à toa que o contexto de retorno às origens do Integralismo da Ação Integralista Brasileira, ao longo dessa segunda fase da ação do Partido de Representação Popular, é tensionado não apenas pela base mais fiel ao Integralismo da AIB pelos militantes do PRP, mas é também um fruto de uma dinâmica conjuntural, onde as buscas por rupturas institucionais estavam colocadas na ordem do dia. As ideias fascistas não estavam mais em certa medida, na leitura dos integralistas, fora do lugar a partir da década de 1950 e a partir da década de 1960. Ela poderia até tomar o lugar no cotidiano político. Efetivamente isso não acontece porque a onda do fascismo já havia passado.

Há, portanto, um processo de readequação de Plínio Salgado como ator político ao longo da década de 1940, 1950 e 1960. Não é à toa então que Plínio Salgado e outras figuras que se enunciavam como participantes do universo integralista vão se associar à dinâmica golpista de 1964, e depois vão se associar à Aliança Renovadora Nacional (Arena). Isso não quer dizer, também, que uma base mais radical do movimento integralista não queria voltar às suas origens fascistas. Isso é bastante nítido a partir da morte do Salgado, quando tem início um vazio de poder. Na política, vazio de poder é sempre um processo de disputa, porque não existe vácuo na política. Não é à toa que o Neointegralismo vai se colocar, na prática, a partir da morte de Salgado, a partir de 1975, para propor o retorno do Integralismo às suas origens. Isso se torna bastante nítido, inclusive, na atualidade, em que há uma retomada de grupos integralistas e neointegralistas que não veem o fascismo necessariamente como um problema, sobretudo o fascismo da AIB. Eles querem retomar o Integralismo da AIB. Utilizam a simbologia, utilizam a estética, os uniformes, e querem promover uma ideia fascista à realidade política do século XXI.

É relativamente comum que outrora militantes de esquerda migrem à direita ou extrema direita. Mas o oposto parece ser mais raro. No entanto, temos casos dentro do Integralismo como Dom Helder Câmara e, principalmente, Vinícius de Moraes, que fizeram essa transição inversa. Por que você crê que isso ocorreu? Há alguma explicação para essa migração?

Quando pensamos a história do fascismo, é necessário estabelecer alguns limites e balizas para fins analíticos. Uma questão é o fascismo como ideal revolucionário à direita, ou mesmo movimento político. Outra questão é o fascismo no poder, os regimes e ditaduras fascistas, quando chegam ao poder, perdem muito de sua verve revolucionária de transformação. O Integralismo é, sem dúvida, participante desse escopo do fascismo como movimento, dado que não chegou ao poder. Ele buscava uma revolução, rupturas, transformações profundas da sociedade brasileira. Por mais que ele tivesse valores conservadores, patriarcais, o Integralismo, enquanto fascismo, não é igual ao conservadorismo político. Em muitas medidas ele é crítico às políticas e aos políticos conservadores. Nesse sentido, o Integralismo e os fascismos enquanto movimentos políticos, buscam mobilizar setores da sociedade que não se encontram necessariamente afeitos e representados por políticos conservadores e aristocráticos. Ou oligárquicos, como o caso brasileiro.

O Integralismo e os fascismos tiveram a questão social como fundamental em seus discursos políticos, em seus ideários, em seus programas, em seus manifestos. A questão do trabalho, da terra, e a incorporação de militantes, agentes e atores que antes não eram vistos como indivíduos políticos participativos, e começam a ser incitados a participar. Uma novidade, portanto, no cenário político. Não somente novos atores políticos, mas também uma preocupação de fundo social que é bastante nítida no Integralismo.

Figuras que, posteriormente, passariam à esquerda do espectro político, foram ativas no Integralismo por essas razões. O caso de Dom Helder Câmara é mais elucidativo do que o de Vinícius de Moraes, pois o segundo não foi uma figura tão ativa no movimento. Câmara foi integrado ao movimento por conta da questão social, da doutrina social da igreja. Nesse sentido que muitos padres, muitos setores do clero que viam a questão social como um problema a ser sanado, enxergaram nessa ambivalência entre valores conservadores e novos movimentos políticos que lidam com a questão social, como uma possibilidade de articulação política. É aí que eu vejo, talvez, a relação de Dom Helder Câmara. E essa verve mais revolucionária do Integralismo se perde ao longo da história, por muitos fatores. Pelas contingências, por conta do fracasso da era do fascismo, pelas necessidades de defasificação, e também pelas necessidades de integração de líderes integralistas com outros setores conservadores, que não viam a questão social como uma questão fundamental de transformação da sociedade brasileira.

Dom Helder Câmara vai enfim assumir o lado à esquerda do espectro político, mas mantendo a questão social não somente como um pano de fundo, mas também como uma questão central. Então me parece que a questão social, do trabalho, da fome, de acesso à renda, do Integralismo, acaba sendo um ponto que liga algumas figuras, em um contexto político específico e trajetórias individuais específicas, a uma possibilidade de sair do lado da direita do espectro político e passar a determinados nichos da esquerda, como foi o caso do Dom Helder Câmara.

Você fala brevemente do papel da mulher no Integralismo, como não apenas subserviente, mas mesmo culpada pela degeneração da nação. Qual era o papel do gênero, tanto masculino quanto feminino, no Integralismo?

Eu não diria que Integralismo via a mulher com um processo de degeneração na nacionalidade. Talvez ele pudesse ver a instrumentalização política por meio de movimentos políticos revolucionários à esquerda ou, sobretudo, ao feminismo, como um eventual processo de degeneração da nacionalidade, mas aí não é uma questão exclusivamente de culpabilização das mulheres. Mas, sim, na leitura integralista, das ideologias políticas que seriam versadas para essas atribuições associadas às questões de gênero. As mulheres no Integralismo são incorporadas, seja por conta das possibilidades de articulações políticas, mas sobretudo pela ideia do Integralismo do ponto de vista das suas proposições. O Integralismo queria não somente um novo regime político, mas também uma nova identidade política. E, sobretudo, uma nova identidade nacional. As mulheres, nesse sentido, são instadas a participar não somente como um processo de politização associado à extensão do lar, ou seja, não somente as mulheres como educadoras, criadoras de filhos de integralistas, mas também como agentes políticos para formação de novos militantes. Mães integralistas, enfermeiras integralistas, professoras integralistas, mulheres integralistas.

Assim, a mulher passa a ser dotada de uma ótica política que não é apenas uma ótica de extensão das funções do lar. Ela acaba sendo associada como uma figura de politização, não é apenas uma ótica conservadora. Ela é instada a ser mobilizada para pensar processos educacionais, mas também processos de participação política. Todavia, evidente que o fascismo, por definição, e o Integralismo, por extensão, são movimentos antifeministas. A forma como existe um movimento de integralização, é também uma forma de enquadramento daquela questão. Enquadramento das possibilidades de integração política, e também da função social do gênero. A centralidade de uma ideia de masculinidade é associada, também, a uma ideia de subalternidade de uma perspectiva feminina — jamais feminista. Uma dimensão feminina de gênero associada à perspectiva política.

A humanidade integral, que é a proposta e o objetivo integralista, perpassa esses tecidos e condições de gênero. Aprofundando, em certa medida, as desigualdades de gênero, mas também, de maneira complementar, mobilizando essas desigualdades à associação e mobilização política.

A mulher é vista como uma nova categoria, do ponto de vista da fascistização. Ela não tem um estatuto político de autonomia, mas sobretudo um estatuto político de assimilação. E essa assimilação é projetada, sobretudo, em torno de uma dinâmica de predominância da masculinidade. O fascismo, sem dúvida alguma, é um movimento liderado, pensado e estabelecido para definir a centralidade do gênero masculino e da masculinidade fascista. Mas até para dar conta das complexidades dessas novas sociedades de massa, das possibilidades políticas, ou mesmo para buscar estratégias para neutralizar a articulação de grupos feministas, o Integralismo passa a estabelecer possibilidades de atuação política das mulheres, mas sobretudo colocando em prática as formas políticas de silenciamento dessas associações. Criando, assim, um modelo político que se coloca em ode à masculinidade, à virilidade, à violência. A tensão sexual, intrínseca ao fascismo, é associada a uma ideia de masculinidade e de masculinismo. Por mais que possa parecer ambivalente, paradoxal, e essas são características fundamentais do fascismo, acaba colocando possibilidades de participação, mas barreiras para eventuais possibilidades da atuação política das mulheres nesse ideário, nessa organização, nesse modelo proposto à sociedade brasileira para o século XX. Aliás, diria por extensão também para o século XXI, onde os grupos integralistas são não somente masculinos, mas sobretudo masculinistas e misóginos. Eles acabam, também, incorporando a agenda da extrema direita global em torno de temas como gênero, antifeminismo, e propostas políticas para o século XXI.

É isso, Odilon. Muito obrigado por seu tempo.

Eu que agradeço!

Referências

BARROSO, Gustavo. *Os protocolos dos sábios de Sião*. São Paulo: Montecristo Editora, 2023

CALDEIRA NETO, Odilon. *Sob o signo do sigma: integralismo, neointegralismo e o Antissemitismo*. Maringá: Editora da UEM, 2014.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *Fascism in Brazil: From integralism to bolsonarism*. London; New York: Routledge, 2022

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2020.

Submetido em: 08/04/2024

Aceito em: 07/05/2025